



RESSALTAR A RELAÇÃO DE APROXIMAÇÃO QUE EXISTE ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA A PARTIR DO ESTUDO DO SALMO 139

(Highlight the relationship of approach that exists between Theology and Literature from the study of psalm 139)

Gbedey Mebounou Nyekplola Herve Roeland*

Pós-Graduando em Teologia Sistemática com concentração em Sagrada Escritura pela PUCSP. E-mail: gbedeyherve16@yahoo.co.uk

RESUMO

A presente pesquisa busca verificar uma aproximação mútua entre a Teologia e a Literatura. Depois de definir cada uma dessas duas disciplinas e de elucidar as suas respectivas finalidades no cenário existencial do homem, convém dizer que há possibilidade de um diálogo profícuo entre a Teologia e a Literatura. A aproximação entre a literatura e a teologia a partir do estudo do Sl 139 procura apresentar os laços estreitos e as relações de mútua dependência entre as duas disciplinas. Afinal, convém dizer que não pode existir confronto entre a literatura e a teologia, mas uma verdadeira complementaridade; a Bíblia pode servir como uma das fontes para a elaboração da literatura e igualmente a literatura pode proporcionar elementos no fazer teológico. O Sl 139, pela sua riqueza poética e estilística, configura esse extraordinário intercâmbio entre as duas disciplinas.

Palavras-chave: Literatura. Teologia. Bíblia. Gêneros literários. Salmos. Interpretação.

ABSTRACT

This research seeks to verify a mutual rapprochement between theology and literature. After defining each of these two disciplines and elucidating their respective purposes in the existential scenario, it is important to note that there is a possibility of a fruitful dialogue between theology and literature. Reading Psalm 139, the rapprochement between theology and literature becomes very evident because this psalm tries to show the close ties of mutual dependence between the two disciplines. After all, it should be worthy of notice that there can be no comparison between literature and theology, but a true complementarities and interdependence, the Bible can serve as a source for the development of literature and literature can also provide elements for theology. The richness of Psalm 139, in terms of the genre literary used, depicts this extraordinary exchange between the two disciplines.

Keywords: Literature. Theology. Bible. Literary genres. Psalms. Interpretation.

INTRODUÇÃO

Teologia e Literatura são dois olhares sobre o mundo: a existência, o ser humano e seus anseios de vida, o transcendente e o absoluto. A maneira como elas apreendem e



interpretam a realidade as torna incongruente uma à outra? Ou é plausível estabelecer entre ambas uma relação de recíproca fecundação?

Esse estudo verificará em que a literatura contribui para que o teólogo alimente os ensejos da esperança no mundo, e como, por sua vez, a teologia se torna manancial de criação poética e literária.

Assinalar uma mútua interação entre a Teologia e a Literatura pode significar, antes de tudo, entender a Bíblia como literatura. A Teologia se elabora basicamente a partir da Sagrada Escritura, que é lida, relida, compreendida, anunciada e testemunhada pela Igreja. Deste modo, o Concílio Ecumênico Vaticano II afirma:

A Sagrada Teologia apóia-se, como em perene fundamento, na palavra escrita de Deus juntamente com a Sagrada Tradição, e nesta mesma palavra se fortalece firmíssimamente e sempre se remoça perscrutando à luz da fé toda verdade encerrada no mistério de Cristo. Ora, as Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus e, porque inspiradas, são verdadeiramente palavras de Deus; por isto, o estudo das Sagradas Páginas seja como a alma da Sagrada Teologia.¹ Da mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente floresce o ministério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual deve ter lugar de destaque a homília litúrgica.²

Assim sendo, o fazer teológico necessita de um conhecimento e de um estudo diligente da Sagrada Escritura, comumente chamada Bíblia, na qual Deus falou por meio de homens e de modo humano.³ Convém ressaltar aqui, a *contribuição da hermenêutica partindo dos estudos mais recentes sobre a Bíblia, como literatura*⁴ e em particular, *sobre a narrativa bíblica*.⁵

Essa pesquisa quer apontar a relação de congruência entre teologia e literatura, por meio do estudo do Salmo 139. Nesta perspectiva, é importante perguntar sobre o significado do termo Bíblia. É o termo que o cristianismo utiliza para se referir ao seu livro sagrado, unindo as escrituras canônicas do judaísmo e a produção literária, própria do movimento cristão nascente. Esse significado tem o seu vigor nestas palavras: *Tanto no judaísmo como no cristianismo, aquilo que pode ser considerado como o Livro só o é, primeiramente, em sinonímia da designação os livros do grego, o neutro plural, ta bíblia, que se tornou um feminino singular, a Bíblia*.⁶

O Deus da Bíblia, portanto, é um Deus que fala aos homens, entrando em comunicação com eles. Por isso, a Bíblia narra, em modalidades diferentes, a iniciativa tomada por Deus de se comunicar com a humanidade, escolhendo para si o povo de Israel.

Esse Deus faz ouvir a sua Palavra diretamente ou serve-se de mensageiros, como mostra estes termos:

Entretanto, já que Deus na Sagrada Escritura falou através de homens e de modo humano,⁷ deve o intérprete da sagrada Escritura, para bem entender o que Deus nos quis transmitir, investigar atentamente o que os hagiógrafos de fato quiseram dar a entender e aprouve a Deus manifestar por suas palavras. Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem-se levar em conta, entre outras coisas, também os “gêneros literários”. Pois a verdade é apresentada e expressa de maneiras diferentes nos textos



que são de vários modos históricos, ou proféticos ou poéticos, ou nos demais gêneros de expressão. Ora é preciso que o intérprete pesquise o sentido que em determinadas circunstâncias, o hagiógrafo, conforme a situação de seu tempo e de sua cultura, quis exprimir e exprimiu por meio de gêneros literários então em uso⁸. Pois para corretamente entender aquilo que o autor sacro quis afirmar por escrito, é necessário levar devidamente em conta tanto as nossas maneiras comuns e espontâneas de sentir, falar e contar, as quais já eram correntes no tempo do hagiógrafo, como as que costumavam empregar-se largamente no intercâmbio daquelas eras.⁹

Assim sendo, a Bíblia não é simplesmente um compêndio de verdades, mas também uma mensagem dotada de uma função de comunicação, em certo contexto; uma mensagem que comporta um dinamismo de arguição e uma ardilosa retórica.¹⁰

De outro lado, o que se entende por literatura? Ela é definida como: o conjunto das composições de uma língua, com preocupação estética; o conhecimento das belas-artes; o conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época.¹¹

1. RELAÇÃO ENTRE SAGRADA ESCRITURA, TEOLOGIA E LITERATURA

A verdadeira literatura, aquela que busca compreender e penetrar as angústias e desejos profundos do coração do homem, não pode esquecer ou ignorar a questão do enigma do ser humano, nem da tentativa de se aproximar da realidade do mistério de Deus.

A Teologia, na medida em que se elabora num contexto sócio cultural e religioso humano, a partir de *palavras e expressões*, tem essencialmente um fundamento literário. A sabedoria bíblica venera os profetas e os escribas, como mediadores entre o pensamento divino e a linguagem. Jesus Cristo, o Verbo Encarnando, Ele mesmo por meio de suas parábolas se mostrou como um verdadeiro poeta e, pelas suas pregações, um retórico por excelência.

O Concílio Vaticano II, ao analisar a questão de como Deus manifesta-se na história humana, declara o seguinte:

Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (Ef 1,9), pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, tem acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2Pd 1,4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (Cl 1,15; 1Tm 1,17), levado por Seu grande amor, fala aos homens como a amigos (Êx 33,11; Jo 15,14-15), e com eles se entretém (Bar 3,38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber. Este plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexo entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na História da Salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido. No entanto, o conteúdo profundo da verdade seja a respeito de Deus seja da salvação do homem se nos manifesta por meio dessa revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação.¹²

Deste modo, para se difundir a Palavra de Deus se arraigou na vida de grupos humanos (Ecl 24,12), delineando a si mesma, um caminho por meio dos condicionamentos



socioculturais das diversas pessoas que compuseram os Escritos Sagrados. Igualmente, estes contêm a marca dos ambientes socioculturais que as transmitiram. Tal fato pode ser acurado nestas linhas:

A diversidade das formas (parábolas, alegorias, antologia e florilégios, releituras, peshet, comparações entre texto distantes, salmos e hinos, visões, revelações e sonhos, composições sapienciais) é comum ao Antigo e ao Novo Testamento assim com a literatura de todos os ambientes judaicos antes e após o tempo de Jesus. Os Targumim e os Midrashim representam a homilética e a interpretação bíblica de grandes setores do judaísmo dos primeiros séculos.¹³

Convém dizer que, nos Livros Sagrados, Deus Pai se comunica amorosamente com seus filhos, conversa com eles¹⁴ e, como nos salmos, proclamam essencialmente as palavras do homem a YHWH, o Deus de Israel. Por isso, os salmos são, na sua essência, um reconhecimento, em forma de oração e de cântico, deste Deus da Aliança que Israel adora como o Único.¹⁵

Os salmos são obras poéticas, nas quais se encontram vestígios de sentimentos e de prática religiosa, por meio de palavras e expressões relativas a um ambiente e contexto sócio-cultural determinado, e por isso, se entendem como uma literatura. O *Sitz im Leben*, ou seja, a situação vital dessa poética é o templo, com suas numerosas funções cúltricas, celebradas nos adros.¹⁶

Consequentemente, o credo dos israelitas tem por objetivo não verdades conhecidas pela especulação, mas ações de Deus, em primeiro lugar a singular atividade histórico-salvífica de Yahweh, em favor deste povo (Dt 26,5-9).¹⁷

No salmo 139, debate-se com a realidade de um Deus criador do universo, onisciente, onipotente e criador da sabedoria. O enfoque do salmista, no passado, não é uma mera técnica literária. Muito mais que isto, o salmista mostra que Deus estará presente na sua história pessoal, atualizando assim as suas antigas promessas: o amor com o qual Deus o criou e o teceu.

A temática do Deus excelso, como autor, criador da ciência e do universo, é suficientemente apresentado nesse salmo. O autor sagrado faz essa apresentação por intermédio de uma linguagem muito impressionante, figurativa e, ao mesmo tempo, significativa. O salmista aborda essa grande temática não de maneira abstrata, mas ao contrário, de maneira muito pessoal, ou seja, um tratamento pessoal, uma experiência pessoal.

2. ANÁLISE LITERÁRIA

A partir da *crítica da constituição do texto*,¹⁸ esse salmo pode ser delimitado em quatro estrofes respectivamente:

- Versículos 1-6: o louvor a Deus pelo conhecimento maravilhoso que Ele tem do salmista.
- Versículos 7-12: a impossibilidade de fugir de Deus.



- Versículos 13-18: o louvor a Deus como criador onisciente.
- Versículos 19-24: o pedido de ver a realização da justiça de Deus e de permanecer fiel.

2.1. O louvor a Deus pelo conhecimento maravilhoso que Ele tem do salmista (vv. 1-6)

Na primeira estrofe (vv. 1-6), o conhecimento que YHWH tem – 3 vezes o verbo saber e uma vez o verbo saber – é experimentado pelo poeta como uma fiscalização insuportável, uma espionagem. O verbo sondar (v. 1) é usado, muitas vezes, para exprimir o reconhecimento de uma região, de uma cidade, antes da invasão militar. Envolver por trás e pela frente (v. 5) nada tem de delicado; é uma realidade de assédio. A mão (v. 5) mostra a rigidez do episódio, é como o caçador que apanha a presa numa armadilha. Por conseguinte, o salmista não pode escapar de Deus.

É importante ressaltar que a forma *tu-meu* faz desse salmo uma das expressões mais pessoais e mais belas do Antigo Testamento.¹⁹ Instigado ao louvor, por causa desse íntimo conhecimento, o salmista desenvolve, em vários versículos, o tema da onisciência de Deus. As expressões, *meu sentar [...] meu levantar*, apresentam uma das particularidades da poesia hebraica: o gênio semita tem costume de afirmar realidades contrárias, para expressar a totalidade. Portanto, faz-se alusão a todas as ações do salmista.²⁰

2.2. A impossibilidade de fugir de Deus (vv. 7-12)

Essa segunda estrofe (vv. 7-12) desenvolve os vv. 5-6, onde quer que se encontre o salmista, ele sente confrontado por YHWH. Parece até uma realidade bem desagradável a julgar pelos vv. 8-10. Deus surge, a todo o momento, como um assaltante, espreitando a sua vítima para dominá-la, como mostram estes termos: *tu lá estás [...] aí te encontro [...] mesmo lá*.

O poeta comunica sua própria surpresa diante da conduta de Deus com ele, onde ele for se sente perseguido por YHWH, como evidenciam essas linhas:

As tentativas de fuga mencionadas não são locais, mas espirituais. Subir aos céus, é querer tomar o lugar de Deus; deitar-se no Xeol, é pactuar com as forças do mal mediante práticas mágicas; tomar as asas da alvorada para habitar nos limites do mar não é uma simples expressão poética: a alvorada alada é tida como pessoa, como divindade, e suspender-se nela é deixar-se conduzir ao mundo infernal. Três tentações, portanto, de se subtrair ao alcance de Deus; três tentações exteriormente infelizes, que redundam em fracasso. Exteriormente apenas, pois o v. 10, de repente, mostra que aquilo que parecia uma investida brutal, é na realidade um gesto de amor, o golpe se revela como abraço. Nada, nem mesmo o inferno, pode subtrair o salmista ao amor com o qual YHWH o envolve [...]. No momento em que sua simpatia pelo paganismo ia se tornar ruptura com Deus, o salmista teve medo, sentiu as trevas como uma força esmagadora, gritou o seu modo e esse grito foi um apelo a YHWH. Este respondeu imediatamente (v. 11), daí a exclamação do vv. 1-2.²¹



2.3. O louvor a Deus como criador onisciente (vv. 13-18)

Na terceira estrofe (vv. 13-18), a atividade criadora de Deus é a razão fundamental de onisciência que foi descrita. Descreve-se uma embriologia elementar, cheia de fantasmagorias. O poeta equipara o seio materno com a terra, o que noticia, a seu modo, que nada do seu ser (e não apenas de suas ações, como nos vv. 1-4) escapa ao olhar de Deus e isso mesmo antes de seu nascimento. O fato de fazer aqui alusão ao ventre da terra pode lembrar o relato do homem criado da terra (Gn 2,7).

No v. 16, o salmista apresenta o conhecimento antecipado que Deus tem de todo o decurso da duração, desde antes de ela ter começado, até o cumprimento total de seus desígnios (os dias que foram fixados), se pensa que Deus conhece os números dos dias do homem, inscritos num livro (Sl 56,9; 69,29).

O termo *contigo*, que termina os vv. 17-18, sublinha a transcendência de YHWH e, ao mesmo tempo, é uma afirmação da incapacidade do salmista para entender os pensamentos de Deus (Is 55,8).

2.4. O pedido de ver a realização da justiça de Deus e de permanecer fiel (vv. 19-24)

Na quarta estrofe (vv. 19-24), convém distinguir as três situações que se encontram articuladas. A primeira, presente nos vv. 19-20, mostra que diante do olhar penetrante de Deus, o salmista quer categoricamente apartar-se do ímpio que perturba a ordem do desígnio divino; rebelando-se contra YHWH. A segunda, nos vv. 21-22, apresenta o salmista que se distancia formalmente dos inimigos de Deus: toda a sua meditação foi de admiração submissa e, suas palavras se tornam um verdadeiro louvor. O que ele odeia nos ímpios é a sua hostilidade contra YHWH. O v. 21 é de fato uma declaração de aliança. A terceira situação, presente nos vv. 23-24, culmina com uma súplica humilde, submetendo-se ao julgamento de YHWH, que não só conhece os caminhos humanos, mas que também os guia pelo seu caminho eterno.

CONCLUSÃO

O presente estudo do salmo 139 expõe elementos fundamentais sobre a *natureza* de Deus: sua onipresença, mesmo nas trevas (v. 12). Essa presença não é opressiva, mas ao contrário, é fonte de liberdade e de felicidade. É a revelação de um Deus criador (v. 15) que, por amor, teceu o homem à sua Imagem. O narrador do salmo confia o seu destino e o seu futuro a Deus, diante da sua exasperação contra os ímpios e do perigo da idolatria. E nós, o que fazemos nas horas difíceis de nossas vidas?

Quando passamos por provações, mesmo aquelas insuportáveis, nós podemos pensar sobre esse salmo! Ou melhor, podemos nos referir a Jesus que, morrendo na cruz, sabe que o Pai o ama e lhe assegura confiança. No fim do túnel, há sempre uma luz que nos espera. Essa luz é a sensação de se sentir acolhido, nos braços de Deus nosso Pai.



Levando em conta, entre outras coisas, os gêneros literários, os elementos estilísticos, linguísticos e poéticos, essa análise do salmo 139 proporciona uma tangível relação de dependência, entre teologia e literatura. De fato, convém dizer que o teólogo ao atentar uma separação entre o fazer teológico e a literatura, se tornará um ‘animal exótico num zoológico’, sendo que a Bíblia é fundamentalmente uma literatura que veicula por escrito as maneiras comuns e espontâneas de sentir, falar, viver e crer, de homens e mulheres de uma época e cultura.

A encíclica *Divino Afflante Spiritu* e a constituição dogmática *Dei Verbum*, falando de ‘gêneros literários’, apontam para um instrumento essencial que permite conciliar a *leitura literária e a leitura teológica da Bíblia, a dos artistas e a dos crentes*.²²

Em resumo, não se pode pensar nem em confronto, nem em indiferença entre teologia e literatura. Mas ao contrário, se deve promover uma sintonia entre as duas disciplinas, pois os textos permanecem letra morta até que o leitor lhes dê vida, no ato da leitura.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEÃO XII. Providentíssimo Deus. Carta encíclica sobre o estudo da Sagrada Escritura. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1947.

PIO XII. Divino Afflante Spiritu. Carta encíclica sobre o modo mais oportuno de promover os Estudos da Sagrada Escritura. São Paulo: Paulinas, 1965.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. A interpretação da Bíblia na Igreja. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã. São Paulo: Paulinas, 2002.

AGOSTINHO. Comentário aos Salmos. (Enarrationes in Psalmos). Salmos 101-150. São Paulo: Paulus, 1998.

ALONSO-SCHÖKEL, L.; CARNITI, C. Salmos II (Salmos 73-150). Tradução, introdução e comentário. São Paulo: Paulus, 1998.

ALONSO-SCHÖKEL, L.; STORNILO, I. Salmos e Cânticos. A oração do povo de Deus. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

BENTZEN, A. Introdução ao Antigo Testamento. Vol. I. O cânon do Antigo Testamento, o texto do Antigo Testamento, as formas literárias do Antigo Testamento. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1968.

BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A; MURPHY, R.E. (ed.). Novo Comentário Bíblico. São Jerônimo. Antigo Testamento. São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda, Paulus, 2007.



GIRARD, M. Les Psaumes redécouverts, de la structure au sens. Vol. 3. Montreal: Bellarmin, 1994.

GOTTWALD, N. Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica. São Paulo: Paulinas, 1988.

GRELOT, Pierre. Le Langage symbolique dans la Bible. Enquête de sémantique et d'exégèse. Collection Initiations Bibliques. Paris: Les Editions du Cerf, 2001.

MANNATI, M. Para Rezar com os Salmos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

SIMIAN-YOFRE, H.(coord.). Metodologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2000.

SCHREINER, J. (ed.). Palavra e Mensagem: Introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento. São Paulo: Paulinas, 1978.

NOTAS

* **Padre Gbedey Mebounou Nyekplola Herve Roeland** é aluno da Pós-Graduação em Teologia. Este trabalho foi apresentado na disciplina de: *Questões interdisciplinares de Teologia Sistemática*. O mesmo foi avaliado pelo Professor Dr. Antonio Manzatto.

¹ LEÃO XIII. Providentissimus Deus. EB 114; Bento XV, Enc. Spiritus Paraclitus, 15-9-1920. EB 483, apud COMPÊNDIO VATICANO II. Dei Verbum. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, Petrópolis: Vozes, 18/11/1965, n. 24.

² COMPÊNDIO VATICANO II. Dei Verbum. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, Petrópolis: Vozes, 18/11/1965, n. 24.

³ AGOSTINHO. De Civ. Dei, XVII, 6,2: PL,537: CSEL 40,2,228, apud Dei Verbum, 12.

⁴ GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. A Bíblia como literatura. São Paulo: Loyola, 1993 [n. do E], apud SIMIAN-YOFRE, H. (coord.). Metodologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2000, p. 29.

⁵ SIMIAN-YOFRE, H. (coord.). Metodologia do Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2000, p. 29.

⁶ GILBERT, P. *Pequena história da Exegese Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 24

⁷ AGOSTINHO. De Civ. Dei XVII, 6,2: PL, 537: CSEL 40, 2, 228, apud Dei Verbum, 12.

⁸ Idem. De Doctrina Christiana, III, 18.26: PL 34,75-76 CSEL 80,95, apud Dei Verbum, 12.

⁹ PIO XII. 1.c.: Dz 2294 (3829-3830); EB 557-562, apud Dei Verbum, 12.

¹⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 47.

¹¹ DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

¹² COMPÊNDIO VATICANO II. *Dei Verbum*. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. Petrópolis: Vozes, 2. 18/11/1965.

¹³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 62-63.

¹⁴ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 6.



¹⁵ SCHILLING, O. Os Salmos, louvor de Israel a Deus. In: SCHREINER, J. (ed.). *Palavra e Mensagem: Introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 389-391.

¹⁶ BENTZEN, A. *Introdução ao Antigo Testamento*. Volume I. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Associação de Seminários teológicos Evangélicos, 1968, p. 163.

¹⁷ SCHILLING, O. Os Salmos, louvor de Israel a Deus. In: SCHREINER, J. (ed.). *Palavra e Mensagem: Introdução teológica e crítica aos problemas do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 389-390.

¹⁸ SIMIAN-YOFRE, H (coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 78-84. 129-132.

¹⁹ BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Comentário Bíblico "San Jeronimo"*. Tomo II. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, p. 674.

²⁰ *Ibidem*, p. 674.

²¹ MANNATI, M. *Para rezar os salmos*. São Paulo: Paulinas, 1981.

²² SIMIAN-YOFRE, H (coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 30.

Artigo recebido em 09/05/2011
Artigo aprovado em 22/06/2011